

# DIÁLOGOS ENTRE DESIGUALDADES SOCIAIS E DESIGUALDADES ESCOLARES: O CASO DE SANTO AMARO NO RECIFE-PE

## **LUCAS LEON VIEIRA DE SERPA BRANDÃO**

Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade de Pernambuco – PE, [lucas.serpa@upe.br](mailto:lucas.serpa@upe.br);

## **TARCIA REGINA DA SILVA**

Doutora em Educação, Professora Adjunta da Universidade de Pernambuco – PE, [tarcia.silva@upe.br](mailto:tarcia.silva@upe.br);

## RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma monografia de conclusão de curso que teve como objeto de investigação os percursos socio-históricos da educação formal no bairro de Santo Amaro, elucidando as desigualdades sociais e escolares dos moradores estudantes do bairro. Durante a sua formação, que coincide com o período de colonização brasileira, a educação no bairro centra-se no modelo tecnicista, sem dialogar com a realidade e sem formar a população local para a compreensão da vida e/ou ascensão social. Diante disso, foi percebido um movimento de reprodução que instigou a presente investigação: como se estabelece o percurso educacional no bairro de Santo Amaro no que diz respeito à educação formal? Pretendeu-se articular os contextos de exclusão social aos contextos educacionais. O ponto de partida foram dos estudos de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (2014) que subsidiaram e orientaram identificação. Buscou-se, com isso, enriquecer a discussão sobre os percursos da educação formal e contribuir com a produção de conhecimento da educação, em geral, e da sociologia da educação, em específico.

**Palavras-chave:** Desigualdades Escolares; Inclusão Social; Sociologia da Educação.

## 1. INTRODUÇÃO

A forma como nos relacionamos com a educação, revelam muito sobre nossa classe social, as pessoas que temos em nosso convívio, nossa trajetória, o lugar de onde viemos, oportunidades e, também, possibilidade e impossibilidades de vida. Todos nascemos e crescemos em determinados contextos sócio históricos, que modelam a forma como nos percebemos e nos colocamos no mundo. Para alguns de nós, o acesso ao ensino de ponta, o acesso as melhores escolas e universidades é prática corriqueira e não demanda oportunidades específicas, porém existem outros alguns de nós, que não dispõem do mesmo capital econômico e cultural, relegados a subalternização que a sociedade impõe, reféns de uma educação precarizada e impossibilitados de conduzir-se educacionalmente a novos ambientes educativos para adquirir novos conhecimentos pela própria negação e contradição que a educação carrega.

Essas constatações nos levaram a algumas inquietações: como se estabelece o percurso educacional no bairro de Santo Amaro no que diz respeito a educação formal? Qual o sentido que a educação vem tomando? Qual deve ser o sentido e a quem serve o ensino público no bairro?

Assim, esse trabalho se caracteriza como um estudo de caso, se destacando pela necessidade de identificar e compreender a singularidade posta pela realidade do bairro de Santo Amaro, sendo esta uma unidade de análise dentro de um amplo contexto, permitindo a evidência relacional com a história e com a sociedade, localizada e circunscrita de forma complexa e contextualizada.

## 2. METODOLOGIA

O presente artigo é resultado de uma pesquisa que teve como produto final uma monografia. A abordagem do trabalho é qualitativa, o que segundo Lüdke e André (2020) permite o contato, em ambiente natural, com a fonte direta dos dados pelo intensivo trabalho de campo. Assim, a preocupação com o processo é muito mais importante que o produto em si, pela verificação da manifestação das atividades e interações do cotidiano, e o estudo se desenvolve à medida que caminha e que novos dados se apresentam.

A perspectiva qualitativa nos permite conhecer processos sociais com maior profundidade e construir novas perspectivas, envolvendo a obtenção de dados descritivos e o contato direto com a fonte destes. Além disso, a pesquisa possui natureza exploratória, o que segundo Gil (2019) tem o propósito de proporcionar maior familiaridade com os problemas pesquisados, permitindo que se torne mais explícito, pois considera os mais variados aspectos do fenômeno estudado.

Como método, a pesquisa se enquadra como um estudo de caso. Porém, de início, com toda pesquisa científica e por exigência da composição de um estudo de caso, estabelecemos uma pesquisa bibliográfica, para investigar as experiências relacionadas aos problemas de forma a elucidar as questões obtidas durante o processo de acumulação e produção do conhecimento, principalmente os de ordem histórica, para delimitação e aprofundamento das problemáticas e contextos que envolvem os objetos pesquisados. Assim, como posto por Gil (2019), as pesquisas bibliográficas fornecem uma fundamentação teórica necessária ao trabalho e identificação do estágio atual a respeito do tema. Além disso, ainda para ele, a pesquisa bibliográfica permite cobrir uma gama maior de fenômenos, permitindo o confronto de informações para descobrir possíveis incoerências ou contradições.

Por conseguinte, após o confronto com a pesquisa bibliográfica, se sucede, a pesquisa de estudo de caso a partir dos dados da realidade concreta e objetiva, que segundo Yin (2015) seria um estudo mais profundo de um ou poucos casos, de maneira que se permita detalhar e especificar o conhecimento acerca do objeto estudado. Dessa forma, o estudo de caso permitiu uma ampliação do que havia sido constatado e novos elementos e dimensões foram acrescentadas ao estudo, como o recorte socioeconômico, o recorte étnico-racial e o recorte socioespacial, a influência do nível educacional do/a chefe do núcleo familiar, que emergiram no decorrer da pesquisa. Nesse sentido, para Yin (2015) o estudo de caso, dentro das ciências sociais, traz um delineamento mais adequado para investigação de fenômenos onde os contextos não são percebidos facilmente.

Neste estudo, a pesquisa de estudo de caso acompanha o processo de compreensão das relações estabelecidas entre os moradores do bairro de Santo Amaro e a escola pública, por estar dentro de uma especificidade onde ainda não há produções teóricas. Dentro desse aspecto, de acordo com Gil (2013), que o estudo de caso nos proporciona uma visão mais condizente do problema, além de nos possibilitar a identificação de

possíveis fatores que influenciam ou por ele são influenciados. Ou seja, a pesquisa produz um par dialético, configura uma ação dialógica, entre a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso

Essa característica do estudo de caso, segundo Lüdke e André (2020), permite a concepção que nenhum estudo é acabado, mas uma construção constante que se refaz a medida que novas informações e contextos são descortinados. Caso do presente estudo, que de nenhuma forma pretende cessar as discussões e ampliações a respeito dos contextos e objetos analisados. Nesse contexto, nos preocupamos em revelar diferentes dimensões que evidenciam os componentes marcantes do espaço ao qual se insere os moradores e a educação a eles destinada.

Nesse processo tivemos a informação de aprovação de uma jovem moradora de Santo Amaro, em 1º lugar no curso de Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco, ao qual conseguimos incluir no estudo e nos permitiu ampliar ainda mais a compreensão dos marcadores sociais que se fazem presente na trajetória desses jovens, principalmente no que diz respeito ao processo de inclusão social.

### **3. APONTAMENTOS SOCIAIS E HISTÓRICOS**

No início deste trabalho optamos por trazer a história constitutiva do bairro de Santo Amaro para que a compreensão seja alargada à interpretação de Bourdieu e Passeron (2014) sobre o sistema de ensino e as relações objetivas que temos como foco, uma vez que baseado nos estudos destes, a condição de compreender as instituições educativas deve ser modificada pela compreensão da história de sua formação social, uma vez que esta é um limiar significativo também para a institucionalização do trabalho pedagógico. Além disso, ainda para Bourdieu e Passeron (2014), o surgimento de transformações sistemáticas permite compreender as características estruturais ligadas a institucionalização de determinadas práticas sociais ligadas ao trabalho pedagógico e neste caso, também, a constituição do sistema de ensino.

É nesse sentido que precisamos nos situar na história, percebendo a formação social do bairro. Geograficamente, o bairro de Santo Amaro está localizado ao norte da cidade do Recife, figurando como um dos mais antigos da cidade e remontando o processo histórico e social da própria formação do Estado de Pernambuco. Sua origem, anterior ao seu nome, revela a existência de uma salina, invadida por holandeses ainda

em 1630, sendo sucedida pela construção de um forte, chamado de Forte das Salinas, o que, segundo Gomes (2015), decorrente dessa invasão a cidade do Recife, causou um grande caos e deserções de pessoas escravizadas em vários engenhos de Pernambuco, que fugidas, formaram grandes aglomerados de moradia insalubres.

Ao refazer o percurso sócio histórico de construção e consolidação de um espaço, estamos obrigados a trazer à tona os recortes que sempre foram realizados e que, subjetiva e objetivamente, o personificam e caracterizam. Dessa forma não se pode negligenciar os recortes específicos, que desdobram diferentes segregações, por seguinte resvalando no acesso à educação e ao trabalho por uma parcela da população bem homogênea, do espaço tratado pois esse fundamenta as desigualdades trazidas para dentro da realidade concreta, das primeiras moradias – os mocambos - à leitura contemporânea e a representação social do bairro de Santo Amaro. Assim, é necessário fazer a articulação de questões raciais para compreendermos e desenharmos o contexto social ao qual se insere esta pesquisa.

Aqui podemos considerar o bairro de Santo Amaro como um imenso reduto de resistência, com uma extensa rede socioeconômica e uma organização social, cultural e material própria advinda do extenso processo escravista e situacional das pessoas negras escravizadas eram submetidas. Após a “abolição” (1988), ainda para Santos Gomes (2015) esses espaços tornaram-se isolados e invisibilizados, que depois passam a ser estigmatizados, marginalizados e tidos como perigosos – caso que acontece com o bairro de Santo Amaro até os dias atuais, tido como um bairro periférico, apesar de fazer parte do grande centro urbano da cidade.

Esse recorte nos permite enxergar uma outra complexidade que se abrange sobre o bairro. É através desse processo, ou seja, a relação dessas pessoas com a educação e com o trabalho, que também se estabelece uma divisão social muito mais perceptível. Nesse sentido, Fernandes (2013) acrescenta que a transição do trabalho escravo para o trabalho livre se deu sem assistência e garantias que protegessem a população negra, o Estado, ou qualquer outra instituição social, se eximiu da responsabilidade de manutenção e segurança dos libertos.

De modo geral, segundo Cord (2012), sendo o trabalho fator de distinção social no Recife, o trabalho físico esteve sempre associado à escravidão, e as pessoas negras libertas, entraram em uma nova zona de estigmatização. Enquanto as elites letradas atribuíam ao ócio uma

questão de valor cultural, preconizava a proletarização do trabalho manual, anteriormente executado por pessoas negras escravizadas.

E assim constituía-se mais uma categoria divisão social além do trabalho: o letramento. O acesso à educação, pela escassez de escolas primárias e secundárias, além da ausência de universidades, distinguia os letrados, formados, em sua maioria, em direito e medicina pela Universidade de Coimbra, como posto por Teixeira (1989), do restante da população brasileira. Do outro lado da cidade, o processo de escolarização para pretos e pardos, já nos anos iniciais do século XX, segundo Cord (2012), era voltado para instrução das artes mecânicas, por condução das elites letradas que queriam fortalecer a “civilidade” e a “moralidade” através dos ofícios manuais, contudo embutido nesse pensamento, estava a necessidade de urbanizar a cidade, e o emprego de pessoas negras nas obras públicas da cidade permitia esse avanço.

A partir do bairro de Santo Amaro, no Recife, percebe-se que a cidade se divide categoricamente em duas classes com duas características distintas, divididos ainda em duas subclasses, baseadas no nível de acesso e condicionamento ao processo educativo e o valor laborativo, alguns relegados ao tecnicismo manual, e outros agraciados com o poder de acessar as letras e as humanidade, sendo negros e brancos, respectivamente, ou o que Jinkings (2008) irá colocar como *Homo faber e Homo sapiens* – algo que não muito se distancia da realidade atual – e gera uma evidente exclusão estruturante tanto pelo categorização do trabalho e sua divisão social, quanto ao acesso – ou não - à educação e seu nível de qualificação.

Não é à toa, que dentro do aspecto educacional – finalidade de compreensão deste trabalho - para Foucault (2014), os sistemas de exclusão apoiem-se sobre o suporte institucional da pedagogia, o modo como o saber é repartido e distribuído, atribui uma gênese do poder. É nessa força, segundo o autor, que atua o mais concreto e material poder. Aspecto ao qual os sujeitos são condicionados e constrangidos por forças exteriores inconscientes. Sobre esse mesmo aspecto, Bourdieu (2002) revela tratar-se de uma violência simbólica organizada pelo acúmulo de competências de natureza cultural – capital cultural -, de modo que suas obrigações e sanções sejam respeitadas, com suas relações de dominação e seus privilégios se perpetuem de modo que as condições de vida intoleráveis, se tornem aceitáveis e até mesmo naturais por vias puramente simbólicas de comunicação e conhecimento.

Assim a educação, por seguinte, o trabalho, colocam-se como fatores de controle e dominação dentro desta área da cidade, desde sua

formação. Os que ali moravam poderiam ser considerados pertencentes ao mais baixo nível de acesso a civilidade, e até mesmo de humanidade, é o mesmo que percebe Willis (1978) ao analisar as escolas e os estudantes das classes operárias da Inglaterra, nos permitindo refazer sua mesma constatação: indivíduos reais que se encontram na extremidade mais baixa da escala social dificilmente ascenderiam socialmente por estarem somente vivos, e muito menos por serem humanos (WILLIS, 1978, p. 12). Assim sendo, dentro da realidade descrita, permaneceram compulsoriamente obrigados na subalternização da vida e da existência.

Ou seja, não há como separar a construção social sem a identificação direta de uma desigualdade que se torna e é determinante para organização educacional, e sua desigualdade, que assola e se perpetua no bairro de Santo Amaro, o que torna mais complexa e ampla a análise.

O pensamento de Bourdieu (1983), contribui para que se observe que as estruturas da escola são geradoras de práticas e representações que podem ser reguladoras, mas sem necessariamente serem produtos de obediência as regras postas pelas classes dominantes. Essa constatação do autor direciona a entender que a construção coletiva da realidade é objeto de sua própria superação, fugindo do realismo da estrutura e permitindo que as condições materiais que existem nas condições de classe possam ser apreendidas e associadas para produção de um *habitus* que subverta a estrutura de distribuição de papéis e condições, chancelando o fim de uma subalternização imposta socialmente, por meio da dialética da interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade.

Contudo, desde a sua formação no bairro de Santo Amaro a escola proporciona a reprodução, não que, segundo Bourdieu (2000), essa seja a posição de conservar, mas de “contribuir para”, que as desigualdades sociais estejam sendo perpetuadas, favorecendo que as classes trabalhadoras permaneçam na subalternidade e as classes favorecidas continuem obtendo privilégios, sejam eles de ordem cultural, social ou econômica. O movimento de acumulação desses capitais tem sido permanente de forma a fomentar tais desigualdades.

Dessa forma, a desigualdade social escreve uma desigualdade escolar que marca os sujeitos e determina seus percursos na educação formal, tanto em acesso, como permanência e apreensão sobre os dados da realidade, os condicionando a posições sociais que parecem ser intransponíveis ou não concebidas para seu ingresso, e as condições de subalternidade sejam condições necessárias e próprias da própria existência.

## 4. BREVE RELATO DA PESQUISA

No final do ano de 2019, realizamos a pesquisa de campo com o objetivo de compreender a atualidade dos percursos educacionais traçados pelos alunos moradores do bairro de Santo Amaro e quais características a educação pública vinha tomando dentro desta realidade, a partir de seus posicionamentos e compreensões. Utilizando com princípio o pensamento de Bourdieu (2012), que versa sobre a necessidade de se confrontar com a realidade, onde as evidências e as experiências encontram-se nesses espaços de ausência, essencialmente do Estado, para proceder uma análise das relações entre estruturas do espaço social e estruturas do espaço físico.

O que se descreve, muito tem a ver com a experiência de Paul Willis, no Reino Unido em 1978 e Pedro Abrantes, em Portugal, em 2010: a construção da instituição escola como uma estrutura que contribui e reproduz, ao longo do tempo, de forma ininterrupta, a manutenção de práticas educativas, culturais e sociais que garantam a permanência de determinados sujeitos em determinados estratos sociais. E isso é recorrente com a classe trabalhadora.

É necessário narrar, que já na finalização desta monografia um novo dado nos apareceu, ao qual optamos por incluir logo após a análise dos dados. Trata-se da história de Luiza\*, estudante e moradora do bairro de Santo Amaro, que em 2021 foi aprovada em 1º lugar no curso de Licenciatura em Educação Física na Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco e nos concedeu entrevista permitindo ampliar a compreensão dos marcadores sociais de Santo Amaro e os percursos impostos no caminho educacional, ao qual é utilizada na construção do presente artigo.

## 5. RECORTES DA PESQUISA

Fatores socioespaciais, socioeconômicos e étnicos-raciais podem e devem ser considerados para compreensão do percurso educacional que se estabelece em Santo Amaro, uma vez que também “gritam” na hora de estabelecer as desigualdades fora da escola e dentro dela também. Assim, tais fatores são marcadores sociais que estabelecem condicionantes aos sujeitos. O que se percebe, de forma empírica, é que geração após geração – e não por culpa dos indivíduos, mas da contradição da própria estrutura educacional – os alunos se colocam de frente a uma educação

que não versa sobre a realidade, uma educação muitas vezes crítica, mas crítica-reprodutivista.

Oriundos de famílias pobres, de baixo poder aquisitivo, os alunos são embebidos sobretudo em suas condições materiais. A relação que se estabelece é pela necessidade de trabalho e geração de renda, e a educação, que deveria funcionar como um caminho destinado a diminuir ou encurtar as desigualdades sociais, funciona apenas como um espaço obrigatório, que pouco tem a ver com a realidade dos alunos e aparenta fornecer poucas vantagens sociais e econômicas.

Além disso, a organização da escola também pouco versa sobre a realidade dos alunos, sobre suas necessidades básicas e urgentes, trata muito mais em realizar a divisão social do trabalho, destinando uma educação precária para a formação de um corpo servil.

O distanciamento social, subjetivo e até mesmo imaginário destes alunos, ou deste bairro, ocorre, de certa forma, pela necessidade material da própria vida. Nesse sentido a reprodução escolar, ocorre, antes de tudo, pela divisão social do trabalho no seio da sociedade, destinando espaços formativos e papéis sócias a serem exercidos para uma elite letrada, e outros, diversos, para a classe trabalhadora, com trabalhos subalternizados e de natureza explorada, espaços não almejados. Nesse aspecto, é de salientar, sem dúvidas, que o sistema escolar se insere na sociedade, como um “braço” deste, contudo tem sido um “braço construtor” para as divisões sociais e fomentador das desigualdades sociais por não contribuir com subsídios suficientes para uma formação com capacidade de contribuição para superar as relações de dominação e exploração das classes.

É dentro destes recortes que Bourdieu (2012) destaca que os diferentes papéis desempenhados pelos sujeitos, ou as posições sociais que ocupam são determinantes para redução ou ampliação de sua miséria. Assim, as estruturas sociais se voltam quase sempre para os mais privilegiados enquanto para a classe menos abastadas, formada em sua maioria por trabalhadores informais e trabalhadores braçais, a mazela social se instala drasticamente e a escola não se torna instituição que carrega importância dentro deste contexto.

O trabalho, dessa forma, para essa população é o caminho mais seguro para a superação das adversidades, embora que muitos ficarão pelas vielas, becos, ruas e avenidas de Santo Amaro, não por falta de vontade – e não podemos cair na lenda da meritocracia. Outros tenderão a reproduzir as condições de vida e de classe ao qual estão inseridos. E

alguns, poucos, romperão com o ciclo de reprodução e terão a mobilidade social proporcionada.

Com isso a partir de Bourdieu e Passeron (2014), em suas críticas ao que se refere a ação pedagógica e o sistema de ensino como reafirmadores da desigualdade social, cultural e econômica que legitimam o padrão dominante, Paul Willis (1978) no que diz respeito a análise dos conjuntos sistemáticos que proporcionam educação e a escola para a classe trabalhadora em consonância a reprodução revestida de intenções e manutenção de práticas das classes dominantes, e com o arcabouço da crítica as análises dos autores, como Saviani (2012; 2018), identificamos que a pesquisa não se finda apenas na identificação, é necessário ir além da identificação da realidade, para a reunião de estudos que levem a transformação a partir das evidências de reprodução da estrutura escolar obtidas também pela pesquisa de estudo de caso.

## 6. RELATOS DE LUIZA

Ao pesquisar Santo Amaro nos deparamos com inúmeras privações que são ligadas as condições sociais dos sujeitos moradores do bairro. Condições essas que são determinantes para o modo de viver e ver o mundo, um modo de se colocar e portar uma espécie de óculos fixos que são impostos socialmente a essa população. Problemas de ordem estrutural marcam o cotidiano e marcam o bairro pela sua vulnerabilidade social.

Essa marcação social, se personifica na própria população, o que segundo Fialho *et al* (2015), é marginalizada pelos altos índices de violência e pela ausência de acessos a serviços básicos, marcando este espaço como comunidade ou favela. É necessário destacar também que o bairro de Santo Amaro é uma das maiores comunidades urbanas do Recife e em 2007 apresentava um dos maiores índices de violência e criminalidade entre os centros urbanos brasileiros (FIALHO *et al*, 2015).

Não obstante, a própria composição étnica e social do bairro, advinda do seu processo histórico faz com que marcadores sociais se transformem em desigualdades sociais. A forma como esses marcadores sociais operam, determinam lugares, papéis e principalmente ditam privações aos sujeitos que nascem em Santo Amaro. Tais marcadores são aqui compreendidos isoladamente, contudo a realidade é que os sujeitos os portam de maneira aglutinada, fazendo que as desigualdades sociais sejam amplificadas.

Segundo Milton Santos (2013) esses sujeitos estão condenados a viver na mesma situação – fato que se percebe em Santo Amaro -, salvo se houver algum acidente no percurso e o ciclo de vulnerabilidade for rompido, de todo modo, para o autor, a vulnerabilidade social é uma herança para as classes mais baixas. Não se pode, de todo mundo, planificar essa questão e tentar achar uma explicação sem esboçar uma resolução as problemáticas que envolvem o bairro.

A marginalização dessa população, além de histórica, também é política. Complexa do ponto de vista sociológico, com questões muito mais amplas e com diferentes frentes. Envolvida em grandes pressões desde o seu processo de ocupação, fazendo com que a população desempenhe as relações sociais postas desde o nascimento.

Esse aspecto também sinaliza nos moradores e criam um imaginário sobre características pessoais a respeito de quem nasce no bairro, ligados desde a nível de instrução a características atribuídas as manifestações de mazelas sociais, na mesma proporção que gera uma expectativa sobre quem é de Santo Amaro, é nesse sentido que nos diz Luiza

Luiza: Acho que a única diferença é o modo como as pessoas me tratam. Porque logo assim, no primeiro contato as pessoas ficam com estranhamento e um afastamento, tipo “mora em Santo Amaro, eita, não é coisa boa”.

Como alternativa a subverter a marginalização, imposta socialmente, mas aqui, assim como para Paulo Freire (2014) afirmamos que esses sujeitos não vivem as margens, mas dentro da sociedade e (re) produzem, essa população é aproximada do trabalho de forma automática e naturalizada, muitas vezes ocupando cargos relegados a subalternidade. O trabalho aparenta ser o único caminho possível visível dentro da dura realidade de marginalização para alcançar a humanização, dessa forma é “normal” que aceitem cargos explorados e de baixa remuneração, por além da necessidade de existência, recair sobre estes a baixa escolaridade. A tese se afirma na fala de Luiza que nos traz

Luiza: aí eu tava querendo desistir (*dos estudos*) e arrumar algum emprego qualquer pra poder trazer as coisas pra dentro de casa porque é isso que esperam da gente que trabalhe para ajudar a sustentar a casa.

Esse caminho impõe aos indivíduos, de forma inconsciente, a permanência no ciclo da pobreza. Nesse aspecto, não de forma descolada

da realidade, circula na rede mundial de computadores a afirmação de autor desconhecido: “quando se é pobre, o maior ato de rebeldia é ser estudioso”, embora que para as classes mais baixas, existir talvez seja um ato que mais mexe as estruturas sociais.

Contudo, dentro da educação, para Bourdieu e Passeron (2018), as camadas desfavorecidas são sistematicamente eliminadas ao longo da trajetória escolar, caso este o de Luiza. Ainda para os autores, grupos socialmente favorecidos atingem o nível superior de estudo de forma mais sutil, demonstrando não apenas a desigualdade social, mas a manifestando dentro das instituições.

A exclusão sistemática que ocorre na educação é algo visto pelos moradores de Santo Amaro desde sua fundação. Do atraso a inauguração de uma escola pública, a “reestruturação” das escolas públicas, ou até mesmo a ausência da matrícula na idade certa, determina que há uma imposição social, uma construção de novas barreiras sociais aos sujeitos moradores do bairro que dificultam ainda mais as jornadas educativas.

Não distante desta afirmação, Luiza quando questionada por se encontrar fora de faixa, nos narra o fato de ter começado a estudar como um erro institucional.

Luiza: Comecei a estudar mais tarde. Por causa da minha idade. Quando foram me inscrever (pausa). É uma história toda louca (risos) porque quando foi me inscrever logo, aí eles disseram que era nova demais. Aí esperou o tempo certo porque eu completo ano em abril aí quando eu fui para lá, aí disseram: não, agora ela já passou da idade. Aí minha mãe teve que ir na GRE para poder falar (...)

Em contraponto, como nos traz Bourdieu e Passeron (2018), a possibilidade de um caminho escolar de excelência é uma herança do meio social. Assim, a realidade que se descreve é a construção de um caminho de naturalização e aceitação ou não a espaços possíveis. Ou um processo de aculturação, que se demonstra na relutância de dominar conhecimentos que culturalmente não são aceitos por ir de encontro com a própria cultura da comunidade, uma vez que a realidade do bairro demonstra uma outra dinâmica que não a via educacional.

Por outro lado, para alguns sujeitos, como para Luiza, estudar torna-se um significante de reconhecimento social. Luiza nos traz isso quando afirma

Luiza: Eu acho que vai ter mais oportunidades pra mim. Porque agora só com ensino médio completo (silêncio) há um tempo atrás de ensino médio completo era: nossa você concluiu ensino médio, parabéns isso é tudo. O ensino superior ainda tava distante e o médio é considerado demais. Aí agora eu acho que com isso vai abrir novas portas e eu vou ter uma profissão, e sei lá, um tratamento diferente porque consegui concluir com o ensino superior.

Contribui também para esse cenário o acesso a bens e serviços ser precário na mesma magnitude que a ausência de uma educação considerada socialmente referenciada. Pesa ainda na realidade destes e destas jovens, a escolha forçada, termo cunhado por Bourdieu e Passeron (2018), que aqui neste trabalho optamos por denominar de fatores condicionantes. O pensamento bourdesiano contribui ainda para que percebamos que as aspirações subjetivas são moldadas pelas condições objetivas, ou, como pautamos: a necessidade de existência.

Soma-se para ampliação dessa discrepância as dificuldades encontradas durante a pandemia do novo coronavírus. Segundo Serpa Brandão (2020), a desigualdade social aumentou com a pandemia, e se a educação sofreu um imenso golpe, os sujeitos desfavorecidos sofreram ainda mais. Nos diz ele

Dessa forma, a desigualdade social retoma o centro do debate e acende um alerta importante. Anuncia a precarização da vida futura, o desfavorecimento contínuo da humanização, manifesta as desvantagens das condições sociais, traduzindo assim a escola como estrutura infra social, ou seja, não está fora da sociedade, mas inserida e reprodutora por completo desta. Em outras palavras, reproduz em igual ou em maior proporção as desigualdades oriundas do seio social ao qual os sujeitos estão inseridos, apesar dos esforços contínuos para a visualização desta instituição como encaminhadora para uma efetiva mudança social (SERPA BRANDÃO, 2020, p. 2).

Pauta-se então que ir à escola, ou estar matriculado em alguma de forma protocolar, não é garantia de ensino, não é garantia de apropriação da realidade. Os estudantes de Santo Amaro receberam uma luta intensificada e ainda mais dolorosa. Alguns, desconhecidos, optaram por não desistir. E a história de Luiza nos inspira a pensar a educação em Santo Amaro como uma realidade dura que poderia ser facilitada. Luiza resolveu esperar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos é trazida informações fidedignas da realidade que reveste o bairro de Santo Amaro, nos é revelada a trajetória material e subjetiva desses alunos frente a desigualdade social vivenciada pelas famílias de Santo Amaro. Bem como revela que a escola esbarra em situações que interferem diretamente na própria realidade escolar, muitas vezes vindo a normalizar e naturalizar as relações sociais, sem questionar como as desigualdades sociais se tornam desigualdades escolares, e essa volta a se repetir em desigualdades sociais.

Também não podemos não considerar que a educação em Santo Amaro seja um projeto desligado dos projetos de construção da sociedade de forma geral, sociedade essa desigual, reproducionista de papéis sociais e locais de trabalho. Principalmente ao que se remete a produção de mão de obra e a ausência de mobilidade social com capacidade de melhorar as condições de vida e até mesmo do a estrutura do próprio bairro, da própria sociedade como um todo. Há, nesse sentido, uma continuidade de reprodução incessante de forma que as relações sociais sejam indicadores do agravamento da própria existência, existência essa subalternizada.

É fácil constatar que com as mudanças econômicas, sobretudo advindas do pensamento neoliberal, carregado pelas novas tecnologias, a escola passa a servir a determinadas causas de forma até mesmo inconsciente gerando um paralelo entre as mudanças que ocorrem na sociedade e para onde elas devem ser destinadas. Logo, o controle da educação volta-se ao controle do trabalho, colocando e expondo uma dinâmica de relações de classes pautada no próprio trabalho, com uma nova padronização pela especificidade dos trabalhos a serem executados. (APPLE, 2005)

Nesse aspecto, a estrutura social condiciona os setores da sociedade para atender as demandas do processo de trabalho. E com a educação não seria diferente. Opera-se então um sistema, também educacional, que não só crie relações de marginalização e exclusão, mas de estruturação para postos de trabalho com menor valor cultural, que garanta minimamente a sobrevivência e sobretudo que garanta a reprodução da classe de modo a alimentar as engrenagens da estrutura social, permitindo a outros sujeitos que não estes a manutenção do *status quo*.

E aqui fica claro que há uma dinâmica estrutural de causa e efeito que se desenvolve há séculos, e nesse momento específico ao próprio

processo de reformulação da educação básica no Brasil e a recessão democráticas que enfrentamos atônitos, com vistas a formação profissional e qualificação da mão de obra para enriquecer as mais ricos, embora que processo produtivo esteja sendo sustentado pelos subalternos. Nesse aspecto como posto por Del Pino (2011) “também temos que nos preocupar com a exclusão de um contingente extremamente considerável de trabalhadores e trabalhadoras do acesso ao trabalho, por um lado, e a precarização do trabalho de outra importante parcela da classe trabalhadora” (DEL PINO, 2011, p. 77).

Diante disso pensamos que se essa população reivindica o trabalho, que possam vivenciar a cidadania com uma educação prioritária, socialmente referenciada, que gere conhecimentos com capacidade de almejar postos de trabalhos socialmente humanizados, não de forma subalternizada, exploratória, alocando estes sujeitos em papéis sociais naturalizados, intransponíveis para essa população. É necessário pensar numa educação com capacidade de humanizar, permitindo uma compreensão de mundo onde os sujeitos se sintam desconfortáveis com as relações sociais que os circunscrevem.

Dentro deste contexto social Arroyo (2014) nos conduz a pensar em outras pedagogias. Pedagogia essa com a capacidade de levar em consideração que tais sujeitos estão ligados a processos históricos e sociais, a relações de classe e a grupos subalternizados, oprimidos pelas diferenças econômicas, socioespaciais, étnico-raciais, culturais. Sujeitos estes que devem se fazer presente na cena escolar e na produção de saberes. (ARROYO, 2014)

Ainda para o autor, esses grupos sociais marginalizados – como no caso do bairro de Santo Amaro – carregam consigo e para a escola, as vivências de como foram pensados e colocados dentro da ordem social, econômica e pedagógica, dentro de vivências de resistência e aprendizagem. Permite assim indagar que o foco central dos conhecimentos e processos devam contestar as ações dominantes, para que ações emancipatórias e superadoras da realidade sejam produzidas (ARROYO, 2014).

É dessa forma que a educação para a classe trabalhadora tem sido posta: de forma a promover a reprodução para a manutenção da ordem social, e a inviolabilidade da mudança social, que aparenta estar condenada as condições mais baixas de acesso aos bens culturais, sociais, socioespaciais, econômicos.

Não podemos nos furtar de constatar que, até mesmo de forma utópica, o fim da reprodução acontecerá quando o desenvolvimento dessa

população acontecer à proporção do acesso aos conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados pela humanidade é garantido, e à medida que os sujeitos vão elaborando a realidade dentro do complexo desenvolvimento da sociedade, tendo não somente acesso à educação, mas também aos bens culturais, materiais e sociais.

Nesse sentido, a educação formal deve permitir o desenvolvimento individual e coletivo através do acesso ao conhecimento e reconhecimento das condições que os envolvem, permitindo uma leitura crítica da realidade de modo a permitir a reivindicação como sujeitos históricos e não sujeitos condicionados as estruturas sociais ao qual estão imersos.

Não à toa, concluímos essa etapa da pesquisa com as mesmas considerações finais de Silva (2011)

Por acreditar na democracia, na força da educação e no direito à igualdade; Por acreditar que existam profissionais sérios na área de educação, na construção de políticas públicas eficientes que são capazes de dialogar com os beneficiados considerando seus anseios, e em pesquisadores/as comprometidos/as com a visibilidade da questão racial, bem como, na reversão do quadro de desigualdades desse país, concludo, esta pesquisa afirmando que ainda resta um pouco de esperança para a população em estado de marginalidade avançada nos territórios de maioria afrodescendente. Espero ter apontado alguns destes caminhos (SILVA, p. 111, 2011).

Uma vez que já sabemos os caminhos, as desigualdades sociais que repercutem em desigualdades escolares e voltam a se repetir em desigualdades sociais, que possamos juntos, por meio da educação, reivindicar uma educação com possibilidades de inclusão e mudança no ciclo histórico que vem se repetindo em Santo Amaro há pelo menos dois séculos.

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, Pedro (comp.). Entre a vida da escola e a escola da vida: diálogos com Aprendendo a Trabalhar de Paul Willis In: SANT'ANA, Ruth Bernardes de; Pedro Abrantes (org). **Aprendendo a Trabalhar: um encontro coletivo com a obra de Paul Willis**. Curitiba: CRV, 2013. p. 13-17.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. 9.ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os Herdeiros: os estudantes e a cultura**. Santa Catarina: Editora UFSC, 2018.

CORD, Marcelo Mac. **Artífices da Cidadania: Mutualismo, educação e trabalho no Recife oitocentista**. Campinas: Ed. Unicamp, 2012.

DEL PINO, Mauro (comp.). Política educacional, emprego e exclusão social. In: GENTILLI, Pablo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**. São Paulo: Cortez; CLACSO: 2014. p. 66-88.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: o legado da raça branca**. São Paulo: Editora Globo, 2013.

FIALHO, Vânia *et al.* Espaços compartilhados e práticas vividas: cartografia social e espaços de mobilização do bairro de Santo Amaro - Recife/PE. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 16, n. 37, p. 212-241, jan. 2015. Semestral.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2014

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2019.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U, 2020.

SANT'ANA, Ruth Bernardes de; ABRANTES, Pedro (comp.). Apresentação In: SANT'ANA, Ruth Bernardes de; Pedro Abrantes (org). **Aprendendo a Trabalhar: um encontro coletivo com a obra de Paul Willis**. Curitiba: CRV, 2013. p. 13-17.

SANTOS GOMES, Flávio dos. **Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Ed. Claro Enigma, 2015.

SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana**. São Paulo: Editora USP, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores Associados, 2018.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica e a luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012.

SERPA BRANDÃO, Lucas Leon Vieira de. A emergência da educação humanizadora em meio ao caos: contradições da educação remota na efetivação da inclusão social. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 7, 2020, Fortaleza. **Anais**. Campina Grande: Realize, 2020. p. 1-12.

SILVA, Tarcia Regina da. **A construção da identidade em território de maioria afrodescendente: uma análise do programa lição de vida**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 132. 2011.

SILVA, Tarcia Regina da. A construção da identidade negra em territórios de maioria afrodescendente. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 11, p. 1-12, nov. 2010.

SILVA, Tarcia Regina da; DIAS, Adelaide Alves. O racismo sob a forma de violência silenciosa e as contribuições da pedagogia institucional no seu enfrentamento. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 1, p. 72-92, jun. 2013.

TEIXEIRA, Anísio. **Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.

WILLIS, Paul (comp.). Prefácio. In: SANT'ANA, Ruth Bernardes de; Pedro Abrantes (org). **Aprendendo a Trabalhar: um encontro coletivo com a obra de Paul Willis**. Curitiba: CRV, 2013. p. 13-17.

WILLIS, Paul. **Aprendiendo a Trabajar: cómo los chicos de la clase obrera consiguen trabajos de la clase obrera**. Madrid: Ediciones AKAL, 1978.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2015.